

VARIAÇÃO LEXICAL: FATORES QUE INFLUENCIAM A VARIAÇÃO A PARTIR DA ANÁLISE DE ATIVIDADES EM LIVROS DIDÁTICOS

LEXICAL VARIATION: FACTORS THAT INFLUENCE VARIATION FROM THE ANALYSIS OF ACTIVITIES IN TEXTBOOKS

Carlos Álack de Lima¹

Herbertt Neves²

Renata Livia de Araújo Santos³

RESUMO

Neste artigo, analisamos atividades que tratam da variação lexical presentes em dois livros didáticos do PNLD 2021, objetivando compreender como é desenvolvido o tratamento da variação lexical nesses livros utilizados no ensino médio. Fundamentam nosso trabalho os estudos Sociolinguísticos (Labov, 2008[1972]), a Pedagogia da variação linguística (Faraco, 2015b) e a Lexicologia (Polguère, 2018). Concluímos que três fatores influenciam a variação lexical de maneira mais presente: variação diatópica, diastrática e diafásica. Além disso, percebemos que as atividades dos livros didáticos desenvolvem o trabalho com esse tipo de variação a partir, também, de temas sociais. Por fim, observamos que, nas atividades dos livros didáticos, a variação lexical está relacionada com os aspectos voltados aos gêneros textuais e às demandas sociais e espaços em que eles circulam.

PALAVRAS-CHAVE: Fatores de variação. Lexicologia. Sociolinguística.

ABSTRACT

In this article, we analyze activities that deal with lexical variation present in two PNLD 2021 textbooks, aiming to understand how the treatment of lexical variation is developed in these books used in high school. Our work is based on Sociolinguistic studies (Labov, 2008[1972]), Pedagogy of linguistic variation (Faraco, 2015b) and Lexicology (Polguère, 2018). We conclude that three factors influence lexical variation in a more present way: diatopic variation; diastratic and diaphasic. Furthermore, the activities in the textbooks develop work with this type of variation also based on social themes. Finally, we observed that, in textbook activities, lexical variation is related to aspects related to textual genres and social demands and spaces in which they circulate.

KEYWORDS: Variation factors. Lexicology. Sociolinguistics.

1. Introdução

Segundo Bortoni-Ricardo (2004), algumas palavras podem pertencer a um léxico regional e outras também são entendidas como arcaicas. O comentário da autora sobre a variedade lexical

¹ Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IFSertãoPE), alacklima2@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-9635-6727>.

² Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) - herbertt.neves@ufpe.br, <https://orcid.org/0000-0002-4454-2755>.

³ Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UFRPE/UAST), renata.livia@ufrpe.br, <https://orcid.org/0000-0001-5069-538X>.

também aponta para a necessidade de se estudar o léxico voltado especificamente para esse tipo de variação, uma vez que esses dois grupos (regional e arcaico) que a autora cita, embora saibamos que há outros fatores de variação envolvendo o léxico (como, por exemplo, o fator estilístico), refletem exatamente o que comentaremos no decorrer deste artigo: que o léxico não é estático, mas heterogêneo e dinâmico. Além disso, também há a necessidade de desenvolver um ensino de língua portuguesa (LP) visando a uma reflexão linguística.

Essa variedade de itens lexicais pode ser chamada também de variação lexical, quando uma mesma realidade é designada por itens lexicais diferentes (Coelho, 2015). Antunes (2012), em seu livro *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*, chama a atenção para a marginalização do tratamento dado ao estudo do léxico nos próprios estudos linguísticos, que não se preocupam em se dedicar sobre o conteúdo, ficando sempre à parte. Consequentemente, sem o estudo linguístico sobre a variação lexical, o ensino escolar sobre o léxico continuará sendo ofertado da mesma forma, sendo abordado como algo estático, sem levar em conta suas manifestações linguísticas, suas variações.

A partir da hipótese da pouca adesão acerca do ensino de variação lexical e à sua mínima prática desenvolvida, mesmo tendo o apoio dos livros didáticos (LD), que deveriam, de fato, aderir à variação da língua e não somente, em sua maior parte, às regras normativas, surge a nossa inquietação: Como ocorre a abordagem da variação lexical no livro didático de língua portuguesa do Ensino Médio?

Ao buscarmos compreender melhor o tratamento da variação lexical no LD de LP do ensino médio (EM), o presente artigo apresenta uma discussão acerca da variação lexical, a partir dos estudos sobre o léxico e sobre a Sociolinguística e a Pedagogia da Variação Linguística. Para isso, este trabalho tem como objetivos compreender a abordagem da variação lexical no livro didático de língua portuguesa do Ensino Médio e Analisar os fatores que influenciam a variação lexical a partir de atividade presentes em livros didáticos.

Salientamos que este artigo é um recorte da dissertação *O estudo da variação lexical em livros didáticos de português do ensino médio do PNL D 2021*, de Lima (2023). Além disso, enfatizamos também que, nas análises aqui apresentadas, na medida do possível, fazemos algumas sugestões acerca do desenvolvimento da atividade analisada, uma vez que selecionamos atividades que abordassem o léxico a partir da Pedagogia da variação linguística e da Sociolinguística em materiais didáticos.

2. Ensino de variação linguística: língua e heterogeneidade

Sabemos que, quando nos referimos à variação, no âmbito dos estudos linguísticos, um dos principais nomes é William Labov (2008[1972]), que ganhou destaque justamente por correlacionar aspectos sociais aos aspectos estruturais, nos estudos linguísticos. Considerado o pai da Sociolinguística, ele explica, através da Teoria da variação e da mudança linguística, que a proposta dessa corrente é analisar a variação a partir da correlação entre língua e sociedade, observando os fatores que podem influenciar a variação e/ou mudança da língua. Esses fatores, consequentemente, segundo Labov (2008[1972]), podem ser tanto de ordem linguística como social.

A variação linguística “é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto

com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado” (Coelho, 2015, p. 16), em uma comunidade de fala. Para Labov (2008 [1972]), a variação linguística é, portanto, o reflexo dos padrões culturais, sociais e ideológicos de uma sociedade. A linguagem e a sociedade, composta por seres organizados e que se comunicam entre si, têm uma relação indissociável.

Partimos, portanto, da noção de que a língua é dotada de variações em todos os níveis linguísticos, como no nível lexical. Em relação a esse tipo de variação, a que ocorre no campo lexical, entendemos que o léxico está ligado diretamente à cognição social, tal qual Antunes (2012) já afirmava. A língua necessita de um inventário linguístico que nos permite acessar as representações ligadas ao conhecimento de mundo e é por esse motivo também que o léxico está em reformulação constante, pois o mundo possui uma variabilidade enorme.

Em um nível educacional, a variação lexical aplicada e ensinada no nível básico da educação pode fornecer ao aluno conhecimento sobre a língua em contextos, épocas e regiões diferentes, além, é claro, de abastecer o aparato cultural e o conhecimento de língua que o próprio aluno já traz. Itens lexicais como “calvo” e “careca” podem ter o mesmo sentido e valor de verdade, mas nem sempre podem ser ou serão utilizados no mesmo contexto interacional; é comum, em determinados grupos de jovens, por exemplo, fazer uso do item lexical “careca” com sentido de zoação. No entanto, esse mesmo item lexical utilizado em outro contexto como, por exemplo, numa matéria jornalística ou numa revista que contenha propaganda, provavelmente poderá ser e/ou será substituído pelo item lexical “calvo”. Desse modo, nesse exemplo que citamos, o contexto em que se usa um desses itens lexicais – “calvo” e “careca” – pode mudar os sentidos deles, constatando também a existência de variação.

O estudo da variação linguística relacionada ao ensino escolar está diretamente ligado a uma vertente da Sociolinguística, a Sociolinguística Educacional. Essa vertente indica que “uma pedagogia que é culturalmente sensível aos saberes dos educandos está atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e a da escola, e mostra ao professor como encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre essas diferenças” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 38).

Entendemos, então, que, para inserir uma abordagem variacionista no ensino de língua em sala de aula, não se podem hierarquizar os conhecimentos culturais e linguísticos que o aluno carrega, tendo em vista que o grupo social do qual esse aluno de escola pública faz parte não é, de certa forma, representado nos livros utilizados em sala de aula. Este é um dos grandes problemas relacionados à educação no Brasil: não levar em consideração também os usos linguísticos que a maioria dos usuários da LP do Brasil faz no seu dia a dia. Sendo assim, a Sociolinguística Educacional busca desenvolver soluções para essas questões educacionais, procurando demonstrar a relevância do seu estudo (a variação) de modo contextualizado.

Nesse sentido, para que o professor possa trabalhar com questões como a citada no parágrafo anterior, é necessário ter o conhecimento sobre variação linguística e sobre os fenômenos variáveis na LP, para, assim, conseguir fazer uma abordagem nesse âmbito, já no ensino básico. As escolas precisam estar a par das características da fala/língua/escrita brasileira. Sobre isso, Faraco (2015a) já

destacava a importância de pensar o ensino de português como uma área de convergência pedagógica entre as áreas dos estudos e não somente uma área dos linguistas, defendendo uma pedagogia da variação linguística:

[...] nosso grande desafio, neste início de século e milênio, é reunir esforços para construir uma pedagogia da variação linguística que não escamoteie a realidade linguística do país (reconheça-o como multilíngue e dê destaque crítico à variação social do português); não dê tratamento anedótico ou estereotipado aos fenômenos da variação; localize adequadamente os fatos da norma culta/comum/*standard* no quadro amplo da variação e no contexto das práticas sociais que a pressupõem; abandone criticamente o cultivo da norma-padrão; estimule a percepção do potencial estilístico e retórico dos fenômenos da variação. (Faraco, 2015a, p. 46-47).

Talvez seja devido à falta de uma pedagogia como essa, mas não somente, que o ensino escolar do português apresente falhas no cumprimento do seu principal objetivo, que é ensinar o português padrão. Segundo Bortoni-Ricardo (2005),

A aquisição da língua-padrão por meio da exposição a modelos dessa variedade em sala de aula é um tema que ainda não recebeu suficiente atenção, apesar da grande ênfase que a pesquisa sociolinguística tem dedicado às consequências educacionais da variação linguística. Seriam as escolas veículos eficientes na transmissão da variedade-padrão da língua? (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 181.)

Entendemos que a escola, de certa forma, ignora a fala e os valores sociais dos falantes de uma classe social específica. As minorias precisam estar presentes no âmbito dos estudos sociolinguísticos/variacionistas nas escolas, pois, caso contrário, continuará havendo um distanciamento entre a língua usada por essas minorias e a língua ensinada nas escolas, intensificando ainda mais os problemas relacionados ao processo de ensino de LP. Enxergamos, então, que o estudo da variação, mais especificamente no nível lexical, pode, e tem grandes chances, de alcançar mudanças nesse panorama.

2.1. Fatores de variação linguística: uma correlação entre a Sociolinguística e a Lexicologia

Conforme Saussure (1975, p. 15), “tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita”. De certa forma, essas características também se aplicam às línguas tendo em vista todas as suas faces, nuances e diversidade no âmbito da investigação linguística.

A variabilidade existente na língua nos leva a estudá-la nos mais diferentes níveis. Nessa conjuntura, está o léxico. Delimitando em duas perspectivas, por um lado, na Lexicologia, o próprio estudo do léxico já configura esse nível de análise; por outro lado, na Sociolinguística, entre os vários níveis de estudo/análise dos fenômenos linguísticos, está o nível lexical.

É nesse nível de análise (lexical) que podemos observar, comparar e entender os itens lexicais de várias línguas de lugares diferentes. Aqui no Brasil, por exemplo, podemos estudarmos itens no que tange aos diferentes usos regionais e também no que se refere à contribuição das línguas nativas

da *terra brasilis*⁴ (línguas indígenas) para a formação da LP atualmente usada em nosso país, além de outros fenômenos existentes. Outro exemplo é a análise de itens lexicais de uma língua de um outro país em comparação com os da LP do Brasil. Podemos citar aqui os fenômenos de empréstimos linguísticos e os neologismos.

Nesse sentido, é plausível nomear esse nível de estudo/análise da variação linguística como variação lexical, assim como já fazem diversos autores. No entanto, vale ressaltarmos que esse tipo de variação pode estar relacionado a duas perspectivas de estudos linguísticos, a Sociolinguística (variação linguística) e a Lexicologia. Essas duas perspectivas não se contrapõem, mas, ao contrário, estão mais próximas de se complementarem.

Polguère (2018, p. 99), ao tratar do estudo sobre “como os léxicos são estruturados”, explica que se faz necessário considerar e destacar alguns apontamentos acerca da variação linguística. Semelhante ao que Coelho (2015, p. 37) apresenta no que se refere à “dimensão externa” da variação linguística”, Polguère (2018, p. 104) evidencia alguns “eixos de variação linguística”, destacando a diatópica, a diastrática, a diafásica, a diamésica, a diacrônica e a terminológica.

Os parâmetros apresentados pelos dois autores, tendo em vista que um se propõe ao estudo do léxico e o outro da variação, reforçam o que afirmamos anteriormente acerca da ponte que existe entre a Lexicologia e a Sociolinguística no que concerne à variação linguística.

Na Sociolinguística, a variação pode ser percebida por meio de formas linguísticas diferentes de se dizer a mesma coisa. Essas formas, hierarquicamente, não se sobrepõem, ou seja, não há uma melhor que a outra. Elas podem ser usadas em contextos e situações diferentes. Já no estudo do léxico de uma língua, a variação

[...] é, pois, uma entidade abstrata que se obtém por acumulação: às palavras em uso por cada falante, no seio de uma dada comunidade de falantes, juntam-se as palavras em uso por outras comunidades linguísticas falantes da mesma língua; às palavras em uso na contemporaneidade, somam-se as que estiveram em uso em sincronias passadas, de que temos notícia pela documentação escrita e que, por vezes, ressurgem (Villalva; Silvestre, 2014, p. 23).

Mesmo sabendo que a variação lexical, no âmbito da perspectiva do estudo do léxico, está mais relacionada aos pressupostos da Linguística de texto, é necessário levar em consideração o nexos existente com a perspectiva da Sociolinguística. Essa relação é possível devido às muitas possibilidades de uso de itens lexicais passíveis de análise em ambas as perspectivas.

Segundo Antunes (2012), observando por essa perspectiva, é possível verificar os usos de itens lexicais no texto. Para a autora, uma entre as possíveis formas de realizar essa verificação é a atividade de substituição lexical com foco na coesão lexical através de palavras equivalentes. Além dessa atividade, Antunes (2012) ainda explana sobre outras tarefas que propiciam a observação de itens lexicais, a saber: (i) o uso de hiperônimos, ou seja, a utilização de uma palavra geral; (ii) a

⁴ Termo utilizado para denominar o Brasil antes da chegada dos europeus, a terra dos índios.

elaboração de uma característica ou definição; e (iii) nexos criados pela aproximação semântica entre palavras do texto.

Nesse sentido, a variação lexical se configura como “uma operação cognitivo- discursiva derivada de avaliar, conforme as determinações do contexto, a possibilidade de reconhecer um tipo qualquer de equivalência ou de grande aproximação” (Antunes, 2012, p. 75). Em outras palavras, configura-se a possibilidade de avaliação, por parte de um indivíduo, entre as diversas opções de uso dos itens lexicais em diferentes contextos.

Para Villalva e Silvestre (2014), a variação lexical é um fato que se relaciona diretamente ao contraste entre as línguas, socioletos, idioletos e dialetos. Segundo os autores, os contrastes que existem entre as diversas variedades presentes no léxico do Português do Brasil “não devem ser entendidos senão como uma manifestação da vitalidade de cada uma dessas variedades” (Villalva; Silvestre, 2014, p. 46). Nesse caso, fica evidenciado o aspecto dinâmico do léxico em uso, também constatado pela Sociolinguística.

A diversidade de palavras presente no léxico de uma língua gera, de certa forma, uma concorrência entre esses itens lexicais. Em uma perspectiva sociolinguística, Labov (2008 [1972]) explica que as formas concorrentes de se referir a uma mesma coisa são denominadas de variantes. A partir disso, Tarallo (2007, p. 8) expõe que as variantes presentes em determinada língua se caracterizam como as “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”. Além disso, os itens lexicais podem ser observados de maneira arcaica e contemporânea, em que as formas que estão em uso há mais tempo são consideradas conservadoras e as palavras que estão na contemporaneidade há menos tempo são entendidas como variante inovadora (Coelho, 2015), o que não exclui a possibilidade de utilizar as formas arcaicas.

Quando levamos em consideração aspectos históricos e culturais de uma língua, as palavras ultrapassam a barreira do regionalismo, resultando em uma quantidade maior de formas concorrentes ao uso. A Sociolinguística explica que vários fatores podem levar a essas possibilidades de mais de duas formas concorrentes. Além do fator que citamos no início deste parágrafo, “há também usos variados conforme a situação, mais formal ou menos formal, em que se está falando” (Coelho, 2015, p. 24). Nesses contextos, o indivíduo avaliará qual a melhor possibilidade entre as várias formas concorrentes para a realização do uso em determinada situação.

A heterogeneidade pode representar a diversidade de formas linguísticas que existe em uma língua. Da mesma forma, ela também pode representar as várias áreas sociais que existem na contemporaneidade como também em tempos passados. A variação linguística ocorre em todos os níveis da língua – fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, estilístico-pragmático e lexical –, e devido à diversidade não só linguística, mas também social, a variação pode ser influenciada por fatores internos e externos à língua. No entanto, para nossa pesquisa, tratamos apenas dos fatores de variação linguística de ordem extralinguística.

De acordo com Labov (2008 [1972]), numa perspectiva sociolinguística, a variação jamais

acontece de maneira aleatória. Esse fenômeno ocorre por meio dos fatores que estruturam, condicionam e organizam essa diversidade linguística. Corroborando Labov (2008 [1972]), dentre os inúmeros conjuntos de fatores, Bagno (2007) apresenta tanto os que carregam características individuais como os que agregam aspectos mais amplos, como os tipos de variação: diatópica; diastrática; diamésica; diafásica; e diacrônica. Todos esses tipos de variação têm peculiaridades que estruturam e organizam a variação linguística.

Ainda numa perspectiva Sociolinguística, Coelho (2015) explica que a variação linguística pode ser vista em uma dimensão interna e também em uma dimensão externa. De acordo com a autora, é na dimensão externa que se situam os tipos de variação que se organizam a partir de fatores extralinguísticos. Dessa forma, Coelho (2015) descreve os seguintes tipos de variação: regional; social; estilística; e de fala e escrita. Além disso, a autora explica que um fenômeno variável pode ser influenciado por mais de um tipo de fatores de variação linguística.

Adentrando na perspectiva da Lexicologia, não poderia ser diferente o tratamento dado à variação linguística no âmbito do estudo da língua relacionando-a ao estudo do léxico, como é o caso da variação lexical que está presente em ambas as perspectivas e que é o nosso objeto de estudo.

Introduzindo de forma simplificada o tema sobre variação, Polguère (2018) trata da individualidade e de parâmetros mais gerais para relacionar língua e léxico. Para isso, o autor coloca em comparação o vocabulário de um texto e o vocabulário de um indivíduo. Polguère (2018) explica que

O vocabulário de um indivíduo é um componente do *idioleto* desse indivíduo, isto é, da língua que ele domina e fala. Na verdade, ninguém fala realmente da mesma maneira e ninguém tem exatamente o mesmo conhecimento da língua que qualquer outro indivíduo. [...] É preciso sempre encontrar o meio de levar em conta as *variações idioletais*. Ademais, o problema da variação linguística não se coloca unicamente no que diz respeito ao idioleto (Polguère, 2018, p. 104).

Em outras palavras, a língua não varia apenas através do indivíduo, mas também por meio daquilo que está ao redor dele. São esses “parâmetros” sociais que Polguère (2018) denomina de “eixos de variação linguística”. Esses eixos equivalem aos tipos de variação apresentados por Bagno (2007) e Coelho (2015), que explanamos anteriormente. A partir disso, Polguère (2018) elenca cinco tipos de variação linguística que, segundo o autor, “devem ser levados em consideração no âmbito do estudo da língua e, especialmente, do léxico” (Polguère, 2018, p. 104). Segundo o autor, a situação geográfica, o contexto da interação social, a temporalidade, o campo de conhecimento e a comunicação constituem esses tipos de variação linguística.

Vale ressaltar que praticamente todos (ou quase todos) os tipos de variação apresentados pelos autores, apesar de não estarem em uma única perspectiva, na maioria das vezes, referem-se ou correspondem ao mesmo tipo de variação, exceto a variação de campo de conhecimento, a qual nos parece ser identificada apenas por Polguère (2018). Essa variação refere-se a um nicho da língua

que é utilizada por um grupo de especialistas em determinados domínios temáticos. Essa variação também é chamada de “variação terminológica” e configura também a existência de uma linguagem de especialidade.

Sendo assim, levando em conta os tipos de variação apresentados pelos autores, trazemos a descrição de fatores extralinguísticos a partir da nossa interpretação sobre esses tipos de grupos, no quadro 1, a seguir.

Quadro 1: Tipos de variação linguística

Tipos de Variação	Relacionada à	Descrição
Diatópica	geográfica/regional	Essa variação leva em consideração as marcas linguísticas que caracterizam uma determinada região em detrimento das outras. Também se manifesta nas diferenças linguísticas entre países específicos
Diastrática	social/classe social	Refere-se ao modo de falar de cada indivíduo de acordo com as características da classe social e do ambiente social no qual ele está inserido
Diacrônica	época/etapas da história/ temporalidade	Essa variação tem foco nas formas de uso da língua em épocas diferentes. Tem grande contribuição para o estudo da evolução da língua no tempo
Diafásica	estilo/registo/monitoramento	A situação comunicativa e/ou o contexto de comunicação caracteriza essa variação, que é voltada ao estilo de acordo com o grau de monitoramento da língua
Diamésica	fala e escrita/ gênero textual	Essa variação compara o uso da língua falada e escrita deixando em evidência as diferenças e características que regem esses dois meios. Nessa variação também são levados em consideração o trabalho e a análise de gêneros textuais
Terminológica	linguagem de especialidade/ grupo de especialistas	Essa variação refere-se aos usos linguísticos de caráter técnico e/ou científico que compõem a linguagem de um grupo de especialistas em determinados domínios temáticos

Fonte: Lima (2023).

Salientamos que, ao colocarmos os fatores de variação em um mesmo quadro, sem distinção de perspectiva, enfatizamos o tratamento que damos a eles de uma forma que estão próximos, que há uma ponte entre eles, mesmo com enfoques diferentes na lexicologia e na sociolinguística.

Como podemos observar a partir do exposto no quadro acima, a variação linguística perpassa

por vários temas que definem os fatores: alguns mais individuais, outros mais coletivos, como é o caso da variação diafásica e diatópica, respectivamente. Apesar dos fatores apresentados terem características mais amplas como citado no início desta subseção, esses tipos de variação também podem ter características individuais.

Além disso, para cada uma dessas variações linguísticas, relacionam-se contextos que requerem usos específicos de itens lexicais, inclusive associando-os ou não às normas gramaticais. Essa possibilidade de usos lexicais por meio da diversidade de temas da vida cotidiana permite o conhecimento lexical não só da contemporaneidade, mas também dos itens lexicais que se enquadram em diferentes situações, sejam elas de ordem cultural, social ou de época. Dessa forma, é evidenciada a ocorrência de variação lexical em praticamente toda a vida de um indivíduo.

3. Metodologia

Partindo dos princípios dos estudos da variação linguística relacionados ao ensino, este artigo tem como pretensão desenvolver uma pesquisa de abordagem qualitativa e de natureza documental. Na pesquisa qualitativa, segundo Mascarenhas (2014), no momento em que os dados estão sendo levantados, o pesquisador, simultaneamente, realiza a análise desses dados. Para o autor, esse processo de análise qualitativa possui aspectos descritivos com finalidade à compreensão do objeto.

Outro ponto importante na abordagem qualitativa é a subjetividade aplicada à análise. Como aponta Mascarenhas (2014, p. 46), “a influência do pesquisador sobre a pesquisa não é evitada, muito pelo contrário, é considerada fundamental”. Assim, a interpretação dos dados será realizada a partir das inferências feitas pelo próprio pesquisador, o que também está de acordo com a nossa pesquisa. No entanto, de acordo com Indursky (1990), alguns dados pouco expressivos podem apresentar algumas interpretações relevantes. Ou seja, o pesquisador pode expor algumas quantificações não precisamente para realização da análise, mas para uma possível constatação de informação importante.

A natureza documental desta pesquisa se estabelece por meio da diversidade de textos usados e leituras realizadas. Segundo Mascarenhas (2014, p. 50), na pesquisa documental “lançamos mão de fontes que não têm o objetivo de analisar o assunto em questão”. Portanto, não se rejeitam textos que não possuem essa finalidade. É o caso dos LD que utilizamos. Além disso, em nosso trabalho, fazemos o uso de textos que nos fornecem embasamento suficiente para a realização desta pesquisa, o que nos inclui nessa natureza de pesquisa.

Ademais, outro aspecto que constitui a natureza documental de pesquisa é o uso de “materiais que não receberam ainda um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 55). Esse aspecto também se encaixa na nossa pesquisa, uma vez que o material que é objeto de análise são os LD utilizados no Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) do ano de 2021 e no ensino médio (EM).

No recorte para este artigo, ao todo, analisamos dois livros: “Interação português”, de Sette

et al. (2020), e “Linguagens em interação: língua portuguesa”, de Chinaglia (2020). A escolha dos livros didáticos se justifica pelo fato de serem livros novos, recém aprovados e utilizados pelo PNLD 2021, o qual avaliou e escolheu os livros a serem destinados às escolas de educação básica do país, e também por serem no formato de volume único, abrangendo todos os anos do EM. Outro motivo que nos influenciou quanto à escolha desses dois LD foi não terem recebido, ainda, um tratamento analítico. Além do mais, notamos que, nesses dois LD, há uma grande quantidade de atividades que se encaixam no que se refere a nosso procedimento de análise, o que se configurou como relevante para nossa pesquisa.

No que se refere aos procedimentos metodológicos da nossa pesquisa, a princípio, realizamos leituras dos LD selecionados com finalidade de reconhecimento deles e, mais especificamente, da distribuição das atividades que compõem os livros.

Salientamos que, para a nossa pesquisa, os instrumentos utilizados para a realização da geração de dados foram os próprios LD, visto que não realizamos entrevista ou algum outro procedimento parecido, o que poderia acarretar o uso de outros aparatos.

Os critérios adotados para a construção do *corpus* desta pesquisa, que buscam facilitar a realização da nossa análise, foram definidos conforme as leituras realizadas para nossa fundamentação teórica. Conforme já esclarecido, o *corpus* deste estudo é constituído por atividades voltadas ao trabalho com a variação lexical.

No que concerne aos nossos procedimentos analíticos, a distribuição desses processos que adotamos foi organizada da seguinte maneira:

- Identificamos as atividades que se encaixam ao nosso critério: a variação lexical no LD.
- Selecionamos as atividades
- Descrevemos as atividades fazendo uma abordagem adequada relacionada ao nosso objeto de estudo.
- Realizamos sistematizações e análises prévias.

Em outras palavras, pensamos a organização de nossa análise em etapas que buscam um alinhamento à metodologia da análise de conteúdo. De acordo com Bardin (1977), a organização das diferentes fases é o fio condutor para que seja desenvolvida uma análise de forma plena. Dessa forma, a partir da nossa organização e feito o recorte para esse artigo, emergiu a categoria “reflexões sobre os fatores de variação que influenciam a variação lexical”. Essa categoria abrange os usos lexicais a partir da diversidade de temas da vida cotidiana e que se enquadram em diferentes situações, sejam elas de ordem cultural, social ou de época.

4. Análise dos fatores influentes na variação lexical

Como visto até aqui, nossa pesquisa busca tratar de temas relevantes para o estudo do léxico. Para isso, ancoramo-nos não somente na variação linguística, mas também nas teorias que abordam esse assunto e que contemplam a diversidade lexical como, por exemplo, o estudo do léxico. Dessa forma, a variação lexical, que é o nosso objeto de estudo, relaciona-se a esses dois campos de uma maneira mais próxima, concretizando a ponte entre lexicologia e variação linguística. Entendemos que, de maneira mais específica, essa relação acontece no nível da variação lexical.

Seguindo os pressupostos de Bardin (1977), para podermos realizar a nossa análise, adotamos uma série de procedimentos e sistematizações para chegarmos ao nosso *corpus*. De acordo com o referido autor, entre as várias etapas de tratamento e organização dos dados, é necessário realizar leituras e releituras com o intuito de observar e identificar aspectos e características que correspondam às nossas necessidades.

Sendo assim, a partir de um longo processo de leitura dos nossos instrumentos de geração de dados (que são os LD), que possibilitou a seleção das atividades, pudemos também desenvolver outras etapas a fim de darmos um melhor tratamento (ainda mais minucioso) aos nossos dados, como, por exemplo, sistematizações em que foram realizadas topicalizações, descrições das atividades e elaborações de análises prévias do nosso *corpus*.

4.1. Reflexões sobre os fatores de variação que influenciam a variação lexical

Após a sistematização e a revisão na literatura que nos apresentou o conteúdo referente aos fatores, conseguimos identificar nos nossos dados outros aspectos relacionados aos diversos fatores de variação. No entanto, entre os seis tipos de fatores (variação diatópica; diastrática; diafásica; diamésica; diacrônica; e terminológica), identificamos em nossos dados apenas três deles: diatópica (geográfica); diastrática (social); e diafásica (estilo/registo).

Assim como as próprias definições de cada fator, a relação entre eles com as atividades dos LD se concretiza por meio do tipo de conteúdo trabalhado, como a comparação das várias formas de uma mesma palavra usada em regiões diferentes. Nesse caso, a atividade do LD é relacionada ao fator diatópico, ou seja, a variação lexical é influenciada por fatores geográficos: dependendo da região, o uso de uma palavra será diferente de outra.

Para a composição da análise deste artigo, apresentamos quatro análises das atividades que contemplam e representam a influência dos fatores na variação lexical.

Figura 1: Atividade sobre léxico, estilo e cultura

Periferia lado bom

Periferia tem seu lado bom
Manos, vielas, e futebol no campão
Meninas com bonecas e não com filhos
Planejando assim um futuro positivo

Sua paz é você que define
Longe do álcool, longe do crime.
A escola é o caminho do sucesso
Pro guerreiro honrar desde o começo

E dizer bem alto que somos a herança
De um país que não promoveu as mudanças
Sem atrasar ninguém rapaz
Fazendo sua vida se adiantar na paz

Jogando bolinha, jogando pião
Vi nos olhos da criança a revolução
Que solta pipa pensando em voar
Para não ver o barraco que era o seu lar

ARTICULO DE DIVULGAÇÃO
PERIFERIA LADO BOM, O QUE VOCÊ ME DIZ
RAPEIRO DO BRASIL

Periferia lado bom, o que você me diz
Fazendo sua vida se adiantar na paz
Longe do álcool, longe do crime
Sua paz é você que define

E nessa pipa no céu eu vi planar
A paz necessária para se avançar
Animo, positivismo em ação
Hip-hop cultura de rua e educação



de
Na, rapper e
o Paulo (SP),
abordar
so das
grandes
n de escritor,
culturais,
o movimento hip-hop.



Releia as estrofes e faça o que se pede.

- a) Identifique algumas marcas de oralidade, ou seja, usos linguísticos próprios da fala.
- b) Que efeitos expressivos decorrem das marcas de oralidade, considerando o público a quem o rap se dirige?

3. a) As grafias **pro** e **pra**, que reproduzem a fala informal; a gíria **mano**; o diálogo direto com o interlocutor, criando um efeito de conversa, como em "Alguns motivos pra te deixar feliz"; "Sem atrasar ninguém rapaz"; "Eu já te disse no começo"; "Então positivismo pra vencer vai vendo".

b) As marcas de oralidade conferem ao texto a informalidade típica do estilo do rap e também a característica da fala do grupo social a que ele é dirigido.

Foi assim que criaram e assim que tem que ser
O mestre de cerimônia rimando pra você
Enquanto o DJ troca as bases
O grafiteiro pinta todo contraste

Da favela para o mundo
O caminho do rap pelo estudo
Por isso eu não me iludo
Roupa de marca não é meu escudo

Eu já te disse no começo
Estudar do sucesso é o preço
Porque conhecimento é maior que o tempo
Então positivismo pra vencer vai vendo

FERRÉZ. Periferia lado bom. In: FERRÉZ. Blog Ferréz Escritor. [S. l.], 18 fev. 2020. Disponível em: <http://blog.ferrezescritor.com.br/search?updated-max=2019-11-11T12:15:00-05:00>. Acesso em: 19 mar. 2020.

Fonte: Sette et al. (2020, p. 15)

A atividade exposta acima é norteada partindo da leitura do texto *Periferia lado bom*, de Reginaldo Ferreira da Silva (conhecido também como Ferréz). O texto utiliza uma linguagem contemporânea e é direcionado a um grupo específico de pessoas, apesar de ser exposto a quem quiser lê-lo.

Identificamos no texto marcas típicas do estilo musical chamado de Rap. Com isso, é comum nesse tipo de texto o autor fazer uso de expressões linguísticas e, às vezes, bordões ou gírias que circulam nos ambientes em que esse tipo de música é mais escutado, fazendo com que ele ganhe características de estilo próprio. Apesar de falarmos aqui sobre estilo, esse aspecto, nesse tipo de atividade, também pode ser relacionado a grupos sociais (diastrática) em que são mais utilizadas as marcas de oralidade, como indica a atividade em seu texto explicativo.

Nas linhas explicativas para o desenvolvimento da atividade, é solicitado que o aluno faça a leitura do texto e identifique marcas de oralidade e efeitos expressivos que estão presentes na fala. Nas respostas, é explicado que o autor faz uso de grafias e gírias que dão ao texto o estilo típico do Rap. Dessa forma, caracteriza-se a variação diafásica, voltada ao estilo linguístico de acordo com o contexto comunicativo. Sendo assim, além de relacionarmos essa atividade ao fator de variação estilística, também podemos agregá-la ao fator social, tendo em vista que esse gênero musical é comumente desenvolvido em comunidades carentes como manifestação e marca cultural.

A atividade pode ser ampliada, em sala de aula, a partir da reflexão acerca dos usos linguísticos mantendo o foco não somente na identificação dos efeitos expressivos, que caracterizam a informalidade do texto, mas, também, na manutenção e/ou criação de/dos sentidos. Essa é uma reflexão plausível que também precisa ser levantada pelo professor em sala de aula.

Por fim, resumindo a análise desta atividade, no caso da questão 3, é necessário que o aluno identifique usos linguísticos específicos e faça relação a efeitos expressivos levando em consideração o contexto e o público ao qual o texto é direcionado. Dessa forma, entre outras características, o aluno deverá relacionar os usos linguísticos ao contexto informal, uma vez que a estilística do rap se utiliza de uma variedade de gírias.

Figura 2: Atividade sobre jogo de palavras e uso de gírias

2. Agora leia a seguinte charge.



WALTER LUÍS. Disponível em: <https://www.rapnacional.com.br/quadrinhos-e-tirinhas-hip-hop-rabiscando-02-ta-osso/>. Acesso em: 18 fev. 2020.

d) O que quer dizer a expressão "estar osso" ?

e) Além de ser o nome de um artista, bone é também um substantivo comum inglês. O que ele significa?

d) Quer dizer "estar difícil; estar difícil de lidar".

e) Osso.

h) Que elementos nas falas indicam o registro linguístico?

h) As gírias **tá osso** e **colar em** ("ir ao"), as interjeições **poise** e **vixxxiii**. Comente que a pronúncia também é um indicador do registro. E, conforme o chargista indicou pela grafia, o personagem pronunciou **está osso** como **tá osso** e para **nós** como **pra nóiz**. Chame a atenção da turma para o monitoramento da pronúncia que se costuma fazer nas situações mais formais.

Fonte: Sette *et al.* (2020, p. 31)

Partindo da leitura e interpretação da charge "Tá osso", de Walter Luís, a atividade solicita ao aluno a interpretação, identificação e tradução de algumas palavras que estão presentes na charge. Dessa forma, o trabalho com o léxico nesta atividade surge a partir de quatro aspectos: o registro, o estrangeirismo, a gíria e o jogo de palavras.

A começar com o registro, podemos juntá-lo às gírias que estão apresentadas na charge, bem como às interjeições, além de marcas de oralidade que também estão presentes e que conferem ao texto características de diversidade lexical. Já o trabalho com estrangeirismo e jogo de palavras refere-se aos usos feitos das palavras "osso" e "bone", que em uma tradução direta significam a mesma coisa.

A atividade aborda aspectos importantes referentes aos diferentes usos lexicais como, por exemplo, o sentido e a variação lexical. Nesse caso, observamos que não há limitação ao aluno referente ao reconhecimento apenas de efeitos expressivos decorrentes da informalidade do texto. Diferentemente da análise anterior, o trabalho com a criação de sentidos já é exposto ao aluno.

Concluindo, no exemplo em destaque, o aluno pode observar a variação lexical por meio de dois fatores de variação: o fator social e o fator estilístico. Podemos relacionar os aspectos de registro e gíria aos fatores estilístico e social; e estrangeirismo e jogo de palavras, ao fator estilístico. No entanto, entre esses dois fatores, o que nos parece se destacar mais é o fator estilístico.

Figura 3: Atividade sobre relações linguísticas entre língua, sociedade e cultura**Taboão dos Palmares**

(março/2007)

Taboão da Serra é uma cidade de mil faces e não há como decifrá-las sem devorá-las. Impossível pensá-la sem suas ladeiras, seus becos e suas vielas. Cada quebrada é um município no meu estado de espírito. As calçadas são irregulares, por isso nossa gente anda no meio da rua, desafiando a arrogância dos carros. Buzina para você ver...

Uma das faces mais bonitas da cidade é a nossa gente, e da nossa gente uma das faces mais bonitas é a do João Barraqueiro, da Kika e da sua família. Gente da pele preta que tem o suor como marca registrada no rosto.

Não importa o evento nem o local, é lá que eles estão. É comum vê-los nas praças, campos de futebol, shows, favelas, comícios etc., desfilando a grandeza dos que não se entregam, e se recusam a ser escravos do parasitismo.

A barraca é o Quilombo dos Palmares dessa família, tamanha é a liberdade com que constroem o pão de cada dia. Da mesma barraca, lutam como quem faz uma prece ao céu ou à terra, adorando um deus chamado DIGNIDADE.

A coragem que exalam das mãos é de assustar qualquer senhor de engenho ou capitão do mato. Trazem no olhar o desprezo pela chibata. E, no coração, o fogo brando que aquece o caldeirão da liberdade. Valeu, Zumbi!

Com todo o respeito às ancestralidades, que a Mãe África me perdoe, mas mãe é aquela que cria, e o João e a Kika são filhos de Taboão da Serra, e não por acaso são nossos irmãos. Axé!

Para aqueles que acreditam que o caráter independe da cor, uma poesia:

"Que a pele escura não seja escudo para os covardes que habitam na senzala do silêncio. Porque nascer negro é consequência, ser é consciência".

VAZ, Sérgio. Taboão dos Palmares. In: VAZ, Sérgio. *Literatura, pão e poesia*. São Paulo: Global, 2012. E-book.

1. Como é a linguagem utilizada na crônica?

Há o uso da linguagem informal, com o emprego de algumas gírias, como as expressões "quebrada" e "valeu!".

Fonte: Chinaglia (2020, p. 39)

A atividade aborda usos linguísticos referentes a gírias a partir de uma crônica que foi exposta aos alunos por meio do LD. Começamos nossa análise desta atividade pela pergunta e resposta indicadas pelo LD. Observamos que o LD trata a linguagem do texto como informal. No entanto, a não ser pelo uso somente de duas expressões, o texto sequer teria o uso de gírias. Na verdade, o texto contém uma linguagem formal com uma quantidade maior de usos de ênclises e clíticos, além de palavras rebuscadas.

A partir da pergunta da atividade, percebemos que, para o aluno poder responder à questão, é necessário que antes ele realize a leitura do texto exposto. O texto, cujo título é *Taboão dos Palmares*, de Sérgio Vaz, é uma crônica sobre a cidade de Taboão da Serra, mas que divide seu foco com a abordagem sobre o tema da luta negra.

Dessa forma, a atividade destaca-se não somente por estudar a linguagem do texto, a exemplo das gírias que a própria resposta da atividade destaca e que são utilizadas, de acordo com o LD, em contextos informais (e também da expressão "Axé!", que remete à religiosidade de matriz africana), mas também por trazer para debate temas sociais como a luta negra, oportunizando o estudo entre

língua e sociedade. Nesse sentido, o trabalho nessa atividade ganha força no que se refere à variação linguística a partir de fatores sociais, fazendo relação entre os usos lexicais (gírias) à comunidade negra.

Nesse caso, o fator de variação mais próximo dessa atividade é o social, uma vez que a atividade relaciona algumas palavras à luta negra e à religiosidade com descendência de África. Além disso, apresenta-se nesta atividade também o fator estilístico no que se refere ao monitoramento da língua quando usadas, paralelamente, palavras rebuscadas e o pouquíssimo uso das gírias.

Figura 4: Atividade sobre variação lexical entre línguas diferentes

3. Releia o trecho seguinte da crônica “Taboão dos Palmares”.

Com todo o respeito às ancestralidades, que a Mãe África me perdoe, mas mãe é aquela que cria, e o João e a Kika são filhos de Taboão da Serra, e não por acaso são nossos irmãos. Axé!

a. Qual ditado popular está presente nessa passagem?

É possível identificar o ditado “mãe é quem cria”.

b. O que é “Axé!” nesse contexto?

Nesse contexto, “Axé” não é o estilo musical, mas sim a saudação utilizada pelas religiões afro-brasileiras, como o candomblé, por exemplo.

Fonte: Chinaglia (2020, p. 39)

A atividade trata de palavras de origens afrodescendentes e explica o contexto de uso em que elas ganham sentidos diferentes, na música e no candomblé. Vemos aqui o tratamento da variação lexical conforme a história e o contexto da palavra.

Assim como nas outras atividades, nesta é solicitada ao aluno a retomada de leitura de um fragmento da crônica *Taboão dos Palmares*, texto que também está presente na última análise. Apesar de não utilizar o texto completo, o LD seleciona um fragmento específico que traz em suas linhas algumas palavras passíveis de estudo lexical.

A partir da palavra “Axé”, de origem afro, a atividade faz a relação dela com duas comunidades existentes: a musical e a religiosa. Nesse sentido, ao citar uma religião com descendência de África, a atividade abre espaço para uma reflexão de variação lexical. Em África, a palavra “Axé” refere-se apenas à religião do candomblé. No Brasil, a mesma palavra pode se referir a coisas diferentes dependendo do contexto de uso.

Dessa forma, o trabalho com a variação lexical nessa atividade norteia-se não só a partir de aspectos sociais, mas também de aspectos geográficos. Nesse caso, podemos concluir que os fatores que influenciam a ocorrência da variação lexical, nessa atividade, são o fator de variação social e o fator de variação geográfico, com destaque para o primeiro.

5. Considerações finais

Em nossa análise, “reflexões sobre os fatores de variação que influenciam a variação lexical”, observamos que, apesar de três fatores (geográfico, social e de estilo) terem ocorrido nessa categoria de análise, dois se destacam pela maior quantidade de ocorrências, a saber: os fatores de variação estilística e social.

Essa observação enfatiza a relação da variação lexical com os aspectos voltados aos gêneros textuais e às demandas sociais e espaços em que eles circulam. Além disso, há uma tendência nas atividades dos LD analisados em utilizar exemplos com foco nos aspectos culturais que estão interligados diretamente às causas e características sociais. Diferentemente, o fator de variação regional/geográfico tem seu espaço, porém mais reduzido.

Observamos que, na análise realizada, os LD entregam em suas páginas um conteúdo diversificado e que busca contemplar todos os espaços possíveis para o estudo do léxico. Apesar de em alguns momentos os LD não desenvolverem a atividade de uma forma mais ampla, que poderia contemplar outras possibilidades de estudo, em outros momentos, essa lacuna é preenchida.

Esperamos que nosso trabalho contribua de forma significativa para o aprimoramento das abordagens feitas em livros didáticos acerca do estudo da variação lexical, de forma que o léxico seja entendido como algo que necessita ser visto em um contexto e nas suas formas variadas.

Referências

- ANTUNES, Irandé. *O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo/Parábola Editorial, 2012.
- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística* – São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemos na escola, e agora?: sociolinguística & educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.
- CHINAGLIA, Juliana Vegas. *Linguagens em interação: língua portuguesa*. 1. ed. São Paulo: IBEP, 2020.
- FARACO, Carlos Alberto. Por uma pedagogia da variação linguística. In: CORREA, Djane Antonucci (org.). *A relevância social da linguística: linguagem, teoria e ensino*. São Paulo: Parábola; Ponta Grossa: UEPG, 2015a. pp. 21-50.
- FARACO, Carlos Alberto. ZILLES, Ana Maria Stahl (org.). *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2015b.

- INDURSKY, E.A. Quantificação na análise do discurso: quantidade equivale a qualidade? São Paulo: *D.E.LTA*. — *Documentação e Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v. 6, n. 1, pp. 19-40, 1990.
- LABOV, Willian. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- LIMA, Carlos Álack de. *O estudo da variação lexical em livros didáticos de português do ensino médio do PNL D 2021*. 2023. 93 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, Campina Grande, 2023.
- MASCARENHAS, Sidnei A (org.). *Metodologia científica*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2014.
- POLGUÈRE, Alain. *Lexicologia e semântica lexical: noções fundamentais*. Tradução de Sabrina Pereira de Abreu. São Paulo: Contexto, 2018.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.
- SETTE, Graça *et al.* *Interação português*. 1. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2020.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- VILLALVA, Alina. SILVESTRE, João Paulo. *Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do português*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.